

Classes Gramaticais: Palavras Invariáveis (Advérbios e Interjeições)

E U
P A S-
S O

T U
P A S-
S A S

E L E
R A-
L A

Classes Gramaticais: Palavras Invariáveis (Advérbios e Interjeições)

- 1.** A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.
(...)

As angústias dos brasileiros em relação ao português são de duas ordens. Para uma parte da população, a que não teve acesso a uma boa escola e, mesmo assim, conseguiu galgar posições, o problema é sobretudo com a gramática. É esse o público que consome avidamente os fascículos e livros do professor Pasquale, em que as regras básicas do idioma são apresentadas de forma clara e bem-humorada. Para o segmento que teve oportunidade de estudar em bons colégios, a principal dificuldade é com clareza. É para satisfazer a essa demanda que um novo tipo de profissional surgiu: o professor de português especializado em adestrar funcionários de empresas. Antigamente, os cursos dados no escritório eram de gramática básica e se destinavam principalmente a secretárias. De uns tempos para cá, eles passaram a atender primordialmente gente de nível superior. Em geral, os professores que atuam em firmas são acadêmicos que fazem esse tipo de trabalho esporadicamente para ganhar um dinheiro extra. “É fascinante, porque deixamos de viver a teoria para enfrentar a língua do mundo real”, diz Antônio Suárez Abreu, livre-docente pela Universidade de São Paulo (...)

(JOÃO GABRIEL DE LIMA. *Falar e escrever, eis a questão*. Veja, 7/11/2001, n. 1725)

O adjetivo “principal” (em a principal dificuldade é com clareza) permite inferir que a clareza é apenas um elemento dentro de um conjunto de dificuldades, talvez o mais significativo. Semelhante inferência pode ser realizada pelos advérbios:

- a) avidamente, principalmente, primordialmente.
- b) sobretudo, avidamente, principalmente.
- c) avidamente, antigamente, principalmente.
- d) sobretudo, principalmente, primordialmente.
- e) principalmente, primordialmente, esporadicamente.

2. TEXTO 1

Ilusão Universitária

Houve um tempo em que, ao ser admitido numa faculdade de direito, um jovem via seu futuro praticamente assegurado, como advogado, juiz ou promotor público. A situação, como se sabe, é hoje bastante diversa. Mudaram a universidade, o mercado de trabalho

e os estudantes, muitos dos quais inadvertidamente compram a ilusão de que o diploma é condição necessária e suficiente para o sucesso profissional.

A proliferação dos cursos universitários nos anos 90 e 2000 é a um só tempo sintoma e causa dessas mudanças. Um mercado de trabalho cada vez mais exigente passou a cobrar maior titulação dos jovens profissionais. Com isso, aumentou a oferta de cursos e caiu a qualidade.

O fenômeno da multiplicação das faculdades e do declínio da qualidade acadêmica foi especialmente intenso no campo do direito. Trata-se, afinal, de uma carreira de prestígio, cujo ensino é barato. Não exige muito mais do que o professor, livros, uma lousa e o cilindro de giz. Existem hoje 762 cursos jurídicos no país. Em 1993, eles eram 183. A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) acaba de divulgar a lista das faculdades recomendadas. Das 215 avaliadas, apenas 60 (28%) receberam o "nihil obstat". A Ordem levou em conta conceitos do provão e os resultados do seu próprio exame de credenciamento de bacharéis.

A verdade é que nenhum país do mundo é constituído apenas por advogados, médicos e engenheiros. Apenas uma elite chega a formar-se nesses cursos. No Brasil, contudo, criou-se a ilusão de que a faculdade abre todas as portas. Assim, alunos sem qualificação acadêmica para seguir essas carreiras pagam para obter diplomas que não lhes serão de grande valia. É mais sensato limitar os cursos e zelar por sua excelência, evitando paliativos como o exame da Ordem, que é hoje absolutamente necessário para proteger o cidadão de advogados incompetentes - o que só confirma as graves deficiências do sistema educacional.

("Folha de S. Paulo", 29/01/2004)

TEXTO 2

A Universidade é só o começo

Na última década, a universidade viveu uma espécie de milagre da multiplicação dos diplomas. O número de graduados cresceu de 225 mil no final dos anos 80 para 325 mil no levantamento mais recente do Ministério da Educação em 2000. A entrada no mercado de trabalho desse contingente, porém, não vem sendo propriamente triunfal como uma festa de formatura. Engenheiros e educadores, professores e administradores, escritores e sobretudo empresários têm sussurrado uma frase nos ouvidos dessas centenas de milhares de novos graduados: "O diploma está nu". Passaporte tranquilo para o emprego na década de 80, o certificado superior vem sendo exigido com cada vez mais vistos.

Considerado um dos principais pensadores da educação no país, o economista Cláudio de Moura Castro sintetiza a relação atual do diploma com o mercado de trabalho em uma frase: "Ele é necessário, mas não suficiente". O raciocínio é simples. Com o aumento

do número de graduados no mercado, quem não tem um certificado já começa em desvantagem.

Conselheiro-chefe de educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento durante anos, ele compara o sem-diploma a alguém "em um mato sem cachorro no qual os outros usam armas automáticas e você um tacape". Por outro lado, o economista-educador diz que ter um fuzil, seja lá qual for, não garante tanta vantagem assim nessa floresta. Para Robert Wong, o diagnóstico é semelhante. Só muda a metáfora. Principal executivo na América do Sul da Korn/Ferry International, maior empresa de recrutamento de altos executivos do mundo, ele equipará a formação acadêmica com a potência do motor de um carro.

Equilibrados de mais acessórios, igualado o preço, o motor pode desempatar a escolha do consumidor. "Tudo sendo igual, a escolaridade faz a diferença." Mas assim como Moura Castro, o head hunter defende a ideia de que um motor turbinado não abre automaticamente as portas do mercado. Wong conta que no mesmo dia da entrevista à Folha [Jornal "Folha de S. Paulo"] trabalhava na seleção de um executivo para uma multinacional na qual um dos principais candidatos não tinha experiência acadêmica. "É um self-made man."

Brasileiro nascido na China, Wong observa que é em países como esses, chamados "em desenvolvimento", que existem mais condições hoje para o sucesso de profissionais como esses, de perfil empreendedor. (...)

(Cassiano Elek Machado: A universidade é só o começo. "Folha de S. Paulo", 27/07/2002. Disponível na Internet: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse>. Data de acesso: 24/08/2004)

Assinale a opção que não traduz uma interpretação condizente com os valores dos advérbios terminados em mente.

- a) A admissão no curso de direito quase garantia uma carreira futura, como advogado, juiz ou promotor público. (Texto 1, linha 2)
- b) Muitos estudantes não estão advertidos quanto à ilusão de que o diploma é a chave do sucesso profissional. (Texto 1, linha 3)
- c) De todos os cursos superiores, os cursos de direito foram os que mais se multiplicaram nos últimos anos. (Texto 1, linha 8)
- d) Não há dúvida de que o exame da OAB deve ser mantido nos dias atuais. (Texto 1, linha 19)
- e) A entrada dos graduados no mercado de trabalho não pode ser considerada, nos últimos anos, uma grande vitória. (Texto 2, linha 4)

- 3.** Leia o texto abaixo, fragmento de um conto chamado “A nova Califórnia”, de Lima Barreto. Depois, responda à pergunta correspondente.

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel (.....). Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.

- Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar. Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia - um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

Explique o uso que têm os advérbios donde (‘Ninguém sabia donde viera aquele homem’), onde e aonde, segundo a norma culta da língua portuguesa. Formule uma frase para cada um desses advérbios.

Gabarito

- 1.** Donde é a contração de de e onde. Significa de algum lugar. Um exemplo de uso é: Donde você vem?
- 2.** Aonde é a contração de a e onde. Significa a algum lugar. Um exemplo de uso é: Aonde você vai?
- 3.** Onde significa em algum lugar. Um exemplo de uso é: Onde você mora?